

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS: de que tenho fome? de que tenho sede?

A **fome** e a **sede** são mecanismos fundamentais dos seres vivos. Todo ser vivente necessita nutrição e hidratação, mas, nos seres humanos, estas necessidades biológicas têm caráter social. Em muitas culturas humanas, compartilhar o alimento e a bebida revela-se como gesto de socialização e de integração.

Na experiência cristã, esta necessidade vital é transladada ao campo da fé: o alimento é dom do Criador para todos. O problema crônico da atualidade não é unicamente a satisfação das necessidades básicas, mas também o despertar de uma consciência que exija a justa distribuição dos recursos naturais, para que a humanidade cultive o melhor de si mesma e viva a solidariedade e a justiça como um projeto social alternativo frente às políticas egoístas e concentradoras de bens.

A **fome** tem várias raízes (escassez de recursos, alterações climáticas, subdesenvolvimento de alguns povos...); no entanto, em sentido mais profundo, ela provém de duas causas principais: a) o egoísmo de grupos e indivíduos, que se apropriam dos recursos de todos e não partilham seus produtos; b) a injustiça de um sistema político e econômico que não se preocupa com o bem comum. Ter alimento faz parte dos direitos fundamentais de toda pessoa, um direito que deve estar garantido pelo Estado.

A **Campanha da Fraternidade** deste ano quer despertar em nós uma sensibilidade solidária com aqueles que são vítimas de uma estrutura social e política que concentra os bens nas mãos de poucos, de maneira especial os alimentos. **“Fraternidade e fome”** denuncia a vergonhosa chaga social dos famintos em um país que é grande produtor de alimentos. A fome clama aos céus e ressoa em nosso coração; ela é expressão de uma profunda incoerência dos cristãos que se dizem seguidores d’Aquele que veio multiplicar os alimentos. Estamos muito distantes das primitivas comunidades cristãs que *“tinham tudo em comum, partiam o pão pelas casas com alegria e simplicidade de coração”* (At 2,46).

À luz da Campanha da Fraternidade deste ano, os EE nos inspiram a viver uma relação justa e harmoniosa entre os alimentos e o nosso eu, não deixando-nos possuir por eles e nem querendo possuí-los (afeição ordenada). A justa relação com as coisas e os alimentos consiste em reconhecer com gratidão o valor destes dons que Deus criou para suprir as necessidades básicas de todos.

O dinamismo dos EE nos faz descer em direção à nossa própria humanidade, à fonte germinal; ao mesmo tempo, somos também impulsionados a descer em direção à humanidade dos outros. Os EE visam colocar **“ordem”** nos nossos afetos, esvaziam nosso ego e despertam nossa solidariedade para com tantos irmãos nossos que carecem do mais essencial, em parte, pelo mau uso que fazemos dos recursos da natureza, em parte devido à nossa acumulação e monopolização desmedida deles.

Diante do novo que a pedagogia dos EE nos propõe viver, o que importa não é tanto o caminho pessoal que devemos percorrer (podemos cair num intimismo e numa vivência piedosa sem atitude compassiva diante dos outros). O que realmente importa são os encontros surpreendentes que acontecem ao longo da travessia do deserto existencial, sobretudo com os pobres, excluídos, aqueles que estão à margem da vida...

Assim, os EE nos sensibilizam a viver a partilha para poder sair do nosso “ego inflado” e entrar em sintonia com os outros; tal experiência ativa em nós a generosidade, o despojamento, o verdadeiro sentido da pobreza evangélica e, sobretudo, o sentir-nos irmão com o irmão.

Quem sabe partilhar nunca se empobrece, pelo contrário, se enriquece infinitamente.

Enquanto caminho pedagógico, os EE nos sacodem e nos desnudam, porque desmascaram nossas falsas seguranças. Por isso, somos movidos a buscar nossas raízes mais profundas. Quando esse percurso é vivido adequadamente, é provável que no final vamos poder dizer, como Kierkegaard, *“eu teria me afundado se não tivesse ido ao Fundo”*. Com efeito, quando vivido de maneira intensa, os EE nos conduzirão ao Fundo estável e sereno, nos conduzirão à “casa”, à nossa verdadeira identidade, à “Terra prometida” onde há fartura de pão e de dons.

Por isso, é preciso ampliar nosso interior para despertar outras **fomes**.

O lema da Campanha da Fraternidade deste ano – *“dai-lhes vós mesmos de comer”* – nos revela que nosso interior é uma reserva de **“alimentos humanizadores”**: compaixão, desejos nobres, dons originais, criatividade, espírito de busca... São alimentos que plenificam e dão sabor à nossa vida. É preciso extrai-los e multiplicá-los para que a fome de sentido e de esperança das pessoas seja saciada. Ninguém tem o direito de armazenar nos seus celeiros o “trigo” doado por Aquele que é fonte de todo “alimento salutar”. Afinal, alimento guardado é alimento que apodrece. Vida partilhada é vida abundante.

Com frequência, nossa existência humana parece uma corrida em busca daquilo que nos sacia de um modo definitivo. Nesta corrida, aparecem muitos elementos que nos são familiares: necessidades, ansiedade,

insegurança, vazio, insatisfação... Todos eles, à primeira vista, nos fazem tomar consciência que somos seres carentes. Seria, pois, essa **carência** aquela que nos movimenta na busca de algo para preencher nosso vazio? De fato, o ser humano é um ser insaciável, insatisfeito... vive eternamente buscando, muitas vezes sem saber o quê. Em contato com o seu interior, sente a necessidade de preenchê-lo a qualquer preço; na maioria das vezes, preenche-o com **“coisas”**: busca de poder, posses, prestígio, pão que se perde... e sente-se frustrado, porque nada lhe satisfaz.

Só o **Pão vivo** pode preencher seu interior; só um alimento o plenifica: *“fazer a Vontade do Pai”*.

- *“Mas a **fome de Deus** que eu levo comigo não conhece descanso: ela é exigente! Então eu sigo... Ela é tremenda e persistente! Então eu sigo... cada vez mais para frente! Ela é constante e forte! Então eu sigo... Até à morte”* (C. de M. Doherty).

O percurso inspirador dos EE desperta outras **“fomes”**: transcendência, novas relações, horizontes abertos, mundo da partilha, fome de sentido para a vida, fome de justiça, fome de interioridade e profundidade. Todo ser humano se plenifica quando alimenta estes dois dinamismos ou impulsos: a “descida” em direção às raízes mais profundas de sua vida e a capacidade de transcender-se, de sonhar, de busca... Na integração destes dois dinamismos, ele reafirma sua identidade mais original e se humaniza.

Em primeiro lugar, a experiência dos EE toca naquilo que é mais **humano** em nós: mundo dos **desejos**, dos sonhos, as grandes intuições... Tal apelo vem ao encontro deste dinamismo humano para potencializá-lo e abrir uma nova perspectiva: aquela centrada na pessoa e no projeto de Jesus Cristo.

Desejamos, com intensidade, com fome, com paixão, com alegria e júbilo... Somos capazes de desejar com a urgência das crianças, com a impertinência dos adolescentes, com a intensidade dos jovens, com a perspectiva dos adultos e com a sabedoria dos anciãos. Desejamos porque estamos vivos e porque somos capazes de imaginar e sonhar: mundos melhores, vidas melhores, relações melhores...

O **desejo** nos ajuda a elevar o olhar para além do imediato; podemos sair do cotidiano, do mais prosaico, e lançar a vista e o coração ao que é possível, mas que ainda não está presente. Se caminharmos com olhar fixo somente no imediato, no hoje, no aqui e agora, então nos faltará perspectiva para dirigir nossos passos para algum lugar que valha a pena.

Os homens e as mulheres de todos os tempos e lugares trazem, como que enraizados nas fendas mais profundas de sua alma, **sonhos** de rara beleza. São desejos de **convivialidade**, de **superação da dor e da fome**, **sonhos de fraternidade e harmonia**... Era certamente nessa direção que Jesus apontava ao falar do **Pão da Vida**, como o mundo das **esperanças e possibilidades**. *“Um outro mundo é possível”*.

Em segundo lugar, os EE se revelam como uma experiência “rompedora”, aquela que quebra toda atitude “normótica”, alarga a mente e o coração, expande os sentimentos mais elevados...

O ser humano pode **transcender-se, ir além de si mesmo**... E transcender não significa fugir da própria realidade, mas mergulhar na própria condição humana; **“transcender é humanizar-se”**.

O impulso de **“ir além”** é talvez o desafio mais secreto e escondido no ser humano. Ele se recusa a aceitar a realidade na qual está mergulhado porque se sente **maior** do que tudo o que o cerca.

Com seu pensamento, desejo e sonho, ele habita as estrelas e rompe todos os espaços.

Numa palavra, o ser humano é um projeto infinito; tem sentido de **transcendência**, projeta-se em muitas direções. Ele tem fome e sede de amplos horizontes.

“Dai-lhes vós mesmos de comer”: este apelo nos inquieta, ativa nossa sensibilidade e nos faz ampliar a visão em direção à grande multidão de famintos, presentes em nossa realidade: famintos de alimento, de proximidade, de justiça, de comunhão, de afeto...

Já paramos para pensar na abundância de recursos e nutrientes em nosso coração e que poderíamos compartilhar com os outros? Nem sempre se trata de encher estômagos vazios. Não só o estômago tem necessidades. Há outras muitas necessidades vitais no coração humano.

Nosso coração é habitado pelo impulso do “mais”; ali não há carência. Em nossos celeiros interiores há abundância de alimentos que nos humanizam e humanizam os outros.